

---

**“EDUCAÇÃO É A BASE”: UMA LEITURA MATERIALISTA DAS RELAÇÕES DE PODER  
DO SISTEMA DO CAPITAL**

**“EDUCACIÓN ES LA BASE”: UNA LECTURA MATERIALISTA DE LAS RELACIONES DE  
PODER DEL SISTEMA DEL CAPITAL**

**“EDUCATION IS THE BASIS”: A MATERIALIST READING OF THE POWER  
RELATIONS OF THE CAPITAL SYSTEM**

João Pedro Antunes de Paulo<sup>1</sup>

**Resumo:** O interesse central deste texto é discutir a reprodutividade de valores e ideais capitalistas por meio da educação. Tomando como fundamentação teórica uma perspectiva materialista, fundamentada em autores como Marx e Engels, Lígia Martins, Maggie Brasil e Mészáros, apresentamos uma leitura do atual quadro da educação, na sociedade do capital, para dar visibilidade a nossa perspectiva de como as práticas produtivistas, alicerçadas em políticas públicas que fomentam a individualidade e a competitividade, transformam a educação dos dias de hoje em um meio de mediação e reprodução das relações de poder do sistema do capital. Apontamos, então, interrogações para se pensar que homem está sendo formado por esta educação e quais os objetivos que esta formação atende. Apresentamos por fim, as contribuições que Mészáros aponta para a superação deste quadro e, articulando nossas reflexões às conclusões do autor, argumentamos em direção a uma nova ordem sociometabólica.

**Palavras-chave:** Política educacional. Trabalho. Capitalismo. Formação.

**Resumen:** El interés central de este texto es discutir la reproducción de valores y ideales capitalistas por medio de la educación. Teniendo como base teórica una perspectiva materialista, basada en autores como Marx, Engels, Lígia Martins, Maggie Brasil y Mészáros, presentamos una lectura de la situación actual de la educación, en la sociedad del capital, para ampliar nuestra visión acerca de la perspectiva de como las prácticas productivistas, basadas en las políticas públicas que fomentan la individualidad y la competitividad transforman la educación de los días de hoy en un medio de mediación y reproducción de las relaciones de poder del sistema del capital. A continuación, señalamos preguntas para que piensen que el hombre está siendo formado por tal educación y cuáles son los objetivos que esta formación atiende. Presentamos, por fin, las contribuciones que Mészáros apunta a la superación de esta situación y, articulando nuestras reflexiones a las conclusiones del autor, argumentamos hacia un nuevo orden sociometabólico.

**Palabras clave:** Política educativa. Trabajo. Capitalismo. Formación.

**Abstract:** The central interest of this text is to discuss the reproduction of capitalist values and ideals through education. Having as theoretical basis the materialist perspective, based on authors such as Marx and Engels, Lígia Martins, Maggie Brasil and Mészáros, we present a reading of the present education in the society of capital, to expand our vision about the perspective of how productivist practices, based on public politics that encourage the individuality and competitiveness, transform the present education into a means of mediation and reproduction of the power relations of the capital system. Then we point out questions to think that the individual is being formed by this education and what the objectives that this training meets. We present, finally, the contributions that Mészáros points to the overcoming of this situation and, articulating our reflections to the author's conclusions, we argue towards a new sociometabolic order.

**Keywords:** Educational politics. Work. Capitalism. Formation.

## Introdução

O erro que você comete, você não percebe, é o de pensar que alguém possa viver numa sociedade corrupta, sem se tornar corrupto ele mesmo. Afinal de contas, que objetivo alcança você ao se recusar a ganhar dinheiro? *Você está tentando comportar-se como se alguém pudesse permanecer fora do nosso sistema econômico. Mas ninguém pode. Ou se consegue mudar o sistema, ou não se muda coisa alguma.* Não se pode ter uma boa perspectiva das coisas olhando o mundo por um buraco, se é que você entende o que quero dizer.

George Orwell, *Mantenha o sistema*, 1936.

A formação tal qual está organizada hoje volta-se cada vez mais ao desenvolvimento de competências. Isso pode ser observado com destaque nas últimas políticas públicas voltadas para esta área, como por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), onde competência é palavra-chave. Cursos acadêmicos que adotam este discurso na formação de professores estão cada vez mais se convertendo em um meio de formação de indivíduos passivos, sujeitados às relações de poder atualmente postas, pois ser competente nestas políticas pode ser entendido como se adequar a estas relações e obter sucesso no cumprimento de seu papel.

Propomos neste ensaio uma leitura destas relações de poder e principalmente da formação que se dá dentro desta rede que se constitui por influência deste poder. Partiremos de uma perspectiva materialista histórico dialética a fim de compreender como se dá a reprodução de valores, conhecimentos e da própria relação de poder. Nosso foco estará no âmbito da educação, no entanto, ressaltamos a impossibilidade de compreender esta se não por meio de uma leitura de toda a rede na qual ela se insere. Partimos, então, de um entendimento do trabalho e das especificidades do trabalho na educação, amparados por Marx e Engels no que concerne a trabalho e em Saviani no que se refere a trabalho educativo.

Dentro do contexto da educação, apoiados em Lígia Martins e Maggie Brasil, colocaremos em evidência a leitura que produzimos da situação atual em que se encontra este contexto na sua relação cada vez mais íntima com os ideais do sistema do capital. Ao por isso em evidência, argumentamos junto com as autoras Shiroma; Moraes e Evangelista a respeito do papel das políticas públicas na consolidação deste quadro, mostrando, apoiados em Mészáros, que neste sentido o Estado cumpre o seu papel de entidade corretiva do sistema.

Por fim, ainda apoiados em Mészáros refletimos a respeito de uma possível superação da lógica do capital. Argumentamos que para a educação ir além do capital é necessário que uma nova ordem sociometabólica também seja projetada. Não há caminho para a superação do atual quadro da educação se não uma revolução em toda a sociedade. Esta revolução deve necessariamente superar a lógica hierarquizada do capital e partir em direção a uma sociedade mais socialista na qual os homens possuam o controle de uma reprodução social conscientemente emancipadora.

### 1. Trabalho alienado, natureza humana e educação

Ao produzir suas análises da sociedade do século XIX, Marx (Marx; Engels, 1998) colocou em evidência como as relações mercadológicas modificaram substancialmente a relação entre os homens e a

relação do homem, ser singular, com o trabalho. Em sua perspectiva, o trabalho deixa de ter a função de constituir o homem omnilateral, a partir das relações tais que estavam postas naquela forma de organização social, trabalho foi fragmentado, assumiu um caráter de subsistência do homem, que teve a sua constituição ontológica também fragmentada.

Compreendido desta forma o trabalho, agora alienado, está na base da organização social que expandiu desde a época em que Marx e Engels produziram suas análises, assumindo hoje a forma hegemônica de organização social. A sociedade do capital é então uma sociedade que se organiza a partir da alienação do trabalho do homem, dissociando deste a capacidade de se constituir a partir de suas atividades produtivas, objetivando sempre a produção excedente, o mais valor da produção.

Entender a natureza humana por meio do trabalho é também entender a educação, sendo esta uma atividade própria do ser humano. “Dizer que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência de e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho” (SAVIANI, 1984, p. 01).

Corroborando com Saviani, Lígia Martins afirma que tal atividade humana não é determinada pela casualidade, ela possui um projeto ideal que delimita as ações humanas. “É esta dimensão teleológica que distingue a atividade especificamente humana das demais formas vivas de atividade” (MARTINS, 2004, p. 57).

Enquanto ser que se constitui pelo trabalho, o homem é “resultado de milhares de relações históricas, constituindo-se em totalidade indivisa sem qualquer recorte que lhe caracterize supostamente como realidade autônoma” (BRASIL, 2005, p. 33). Corroborando com Brasil, não podemos, então, proceder com uma análise da educação partindo de, e para, um estudo que considere apenas sujeitos isolados e os significados que estes produzem para o mundo. É necessário compreender não apenas os homens que constituem este cenário, mas, também, o contexto histórico-social no qual estes homens se constituem para que possamos falar sobre o seu ser.

### ***1.1 Educação na sociedade do capital***

Esta análise da educação em uma sociedade do capital deve começar então por uma reflexão sobre a relação entre o sistema do capital e a educação. Consideraremos esta como um espaço de trabalho destinado à transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e acumulados pela humanidade. Corroborando com Dermeval Saviani, entendemos a educação como trabalho não material – em Marx; Engels (1998), *geistigen arbeit*, traduzido como trabalho espiritual ou intelectual – porque para produzir materialmente o homem antecipa na forma de ideias a sua ação, ou seja, ele representa mentalmente sua ação, “tais aspectos, na medida em que são objetos de preocupação explícita e direta, abrem a perspectiva de uma outra categoria de produção” (SAVIANI, 1984, p. 1). Educação é ainda trabalho imediato, pois é produzida e consumida ao mesmo tempo. Produzida pelo professor e consumida pelo aluno.

A educação é então uma das principais constituintes do conjunto de objetivações que formam o corpo inorgânico do homem. É por meio dela que “o homem constrói sua genericidade [corpo

inorgânico] de tal forma que a vida individual e a vida genérica encontram-se sempre imbricadas uma na outra” (MARTINS, 2004, p. 56, comentário nosso).

Ao constituir-se, o homem é então um ser histórico e social, “*ser homem*, portanto, pressupõe um processo de construção e autoconstrução em relação às condições exteriores de existência” (MARTINS, 2004, p. 56). Assim, a educação relacionada com o trabalho alienado “forja uma concepção de mundo também conveniente ao capitalismo e o resultado só poderia ser a ocultação das contradições inerentes aos embates travados na relação trabalho e capital” (BRASIL, 2005, p. 9).

Esta educação no seio do sistema capitalista é regida por políticas que sustentam e perpetuam as contradições iminentes do capital. Em uma análise da política educacional brasileira as autoras Shiroma; Moraes; Evangelista (2011) colocam em evidência a forte influência dos governos conservadores na determinação das políticas públicas. Seja no encurtamento das políticas “populistas” de João Goulart feita pelo golpe militar, na profissionalização do ensino médio para diminuir a procura pelo ensino superior imposta pela lei 5.692/71 – *deja vu?* –, ou também nas recomendações do relatório *Delors* para aprimoramento de talentos, preparação de técnicos e trabalhadores e a formação docente afinada com organizações multilaterais, e ainda, na promulgação da LDBEN e diretrizes curriculares pautadas em valores que “assegurariam a empregabilidade, tanto de professores quando de alunos” (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011, p. 82).

Nesta direção Lígia Martins afirma que a

“política educacional vigente embala o sonho (ingênuo?!) de um sistema educacional comprometido com o sucesso profissional dos indivíduos, entendendo-se por sucesso profissional o enquadramento da força de trabalho humano como recurso para a adaptação funcionalista, tão bem entalhada pela ideologia da empregabilidade” (Martins, 2004, p. 54).

A educação institucionalizada, segundo a análise de Mészáros, tem servido ao propósito do sistema capitalista de “não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que *legitima* os interesses dominantes” (MÉSZÁROS, 2005, p. 35, grifo do original). O autor afirma ainda que os indivíduos ao participar dos processos formais de educação são induzidos a uma aceitação dos princípios da ordem social dominante, considerados segundo a posição que deverão assumir dentro desta sociedade.

Corroborando com Mészáros, Maggie Brasil mostra como o sistema do capital produziu historicamente uma pedagogia que emerge da realidade concreta e é inerente à forma de produção capitalista. Esta pedagogia é caracterizada principalmente por três processos histórico-sociais: desqualificação do trabalho, onipresença e onipotência da razão instrumental e uma “nova” economia política. Seu objetivo maior é “criar estratégias eficazes para apropriação do produto e da natureza pelo capital” (BRASIL, 2005, p. 11).

Esta pedagogia, contida na forma de produzir do sistema do capital, apresenta-se na organização do trabalho capitalista, fornecendo estratégias de desarticulação do trabalho, por meio de seus elementos estruturantes: divisão do trabalho, comando exercido pelo capital e hierarquização do trabalho coletivo.

Esta desarticulação gera um barateamento da produção tendo em vista que ela é responsável por transformar a própria força de trabalho em mercadoria (BRASIL, 2005).

Em especial na educação, esta pedagogia do capital encontra seu principal meio de reprodução. Por meio de práticas acríicas e alienantes o indivíduo no processo de educação se vê persuadido a se inserir no sistema do capital, cooptado por suas necessidades materiais e um discurso altamente eficaz que o leva a entender que esta é a única alternativa.

Estas práticas não são explícitas, não há um discurso de um ditador impondo sua vontade sobre as pessoas que se sentem obrigadas a segui-lo ou serão açoitadas. A pedagogia do capital é mais sutil, a própria reprodução do sistema do capital é intensa, porém sutil – violenta apenas com aqueles que se opõem a ela. Esta perpetuação dos ideais do capital, representados por seus valores e modos de agir, se dá de um modo velado, sempre feito por mecanismos de mediação que fetichizam determinados hábitos a fim de criar nas pessoas a necessidade de possuí-los, de sê-los.

Não é, então, uma imposição de produtos a serem consumidos, ou hábitos a serem adquiridos, mas uma cooptação das pessoas que imputam a determinados produtos e estilos de vida a capacidade de satisfazer uma necessidade que foi criada nelas, em muitos casos sem que elas se dessem conta. Mészáros utiliza uma analogia que bem traduz este poder: o canto da sereia. Corroborando com esta perspectiva, Maggie Brasil, afirma que:

Os processos educativos atuando sobre sujeitos sociais levam-nos a assimilar atitudes, saberes, condutas, maneira de ser, de agir, todos culturalmente determinados, concretizando-se tipos diferenciados de atos educativos [...] (BRASIL, 2005, p. 10).

### ***1.2 Dualidade e contradição da educação***

A Educação assume então papel central neste cenário para ambos os lados deste sistema; aqueles que estão dentro agindo em prol da expansão irrestrita e manutenção das relações de poder existentes e aqueles que estão de “fora” agindo em prol de uma ordem socialista de organização sociometabólica do homem visando a superação do sistema do capital rumo a uma nova ordem mundial.

Para estes, a educação é a maior aliada na superação das relações hierarquizadas. Neste sentido podemos contar com projetos que visam a libertação do homem: Paulo Freire e a pedagogia por ele proposta, Marx e Engels e a luta de classes. Estas e outras alternativas visam transformar a educação em espaço de luta contra a alienação do homem.

Para aqueles que agem segundo a manutenção das relações de poder, ou seja, a manutenção do sistema do capital e uma fragmentação do homem enquanto ser omnilateral, a educação, entendida como sinônimo das instituições de escolarização, é a principal arma de alienação do homem, tendo em vista que as relações de poder ali estabelecidas tendem a permanecer pelo restante da vida do homem e se reproduzir em outros contextos, por exemplo a família, nos quais ele se inserir. Para materializar suas intenções o sistema do capital fragmenta as relações existentes, a fim do velamento dos poderes que agem sobre estas relações e que só podem ser percebidos quando se analisa o todo.

A educação para esta perspectiva é, então, separada de todas as demais relações sociais e assume sozinha a função de redentora de todos os problemas sociais – criados pelo sistema do capital – que assolam a humanidade. Os discursos da educação como a redentora do homem de suas mazelas pode ser observado por toda a parte. Esta fragmentação ocorre também dentro da educação, ali cada um assume “o seu papel”, cada um é responsável por sua parte, isso não só impossibilita uma visão do todo, mas personifica responsabilidades que deveriam ser entendidas como sistêmicas.

A respeito desta fragmentação e conseqüente imposição de responsabilidades sistêmicas a atores isolados, Maggie Brasil afirma que a educação atua como mediadora proporcionando a reprodução de “um padrão de classificação hierárquica social numa cumplicidade irrefletida que, por sua vez, tende a contribuir para a perpetuação de modelos sociais estabelecidos” (BRASIL, 2005, p. 11).

Esta responsabilização de indivíduos por fracassos que de fato são falhas sistêmicas esconde sob um véu a própria contradição do sistema do capital. O discurso de que a educação vai mal porque os professores são mal formados já é quase um jargão popular, o mesmo acontece com os alunos que são “indisciplinados” por não terem recebido a “devida educação” em casa. Estes e outros exemplos mostram como a individualização faz com que as pessoas dentro do sistema do capital não sejam capazes de ver as relações de poder nas quais estão inseridas e criam uma competitividade que só favorece à própria expansão destas relações de poder.

Isto, é claro, é uma estratégia do sistema do capital que visa unicamente a sua manutenção. Não apenas uma estratégia, mas uma necessidade. O controle das massas visa sempre à perpetuação das relações como uma expansão irrestrita e isto não é apenas fruto da ganância pela geração de cada vez mais capital, mas a própria condição de existência desta forma de organização social. Se a expansão para, o próprio sistema entra em crise. Exemplo disso são as constantes reformas da educação e políticas de incentivo ao consumo: redução do IPI, saque do FGTS...

István Mészáros mostra o quão falaciosa é esta individualização das responsabilidades por falhas sistêmicas. Baseado em Gramsci que afirma que todo ser humano contribui para a formação de uma concepção de mundo predominante, sendo esta uma contribuição para a manutenção ou mudança dessa ordem, Mészáros afirma:

a dinâmica da história não é uma força externa misteriosa qualquer e sim uma intervenção de uma enorme multiplicidade de seres humanos no processo histórico real, na linha da “manutenção e/ou mudança” – num período relativamente estático, muito mais de “manutenção” do que de “mudança”, ou vice-versa no momento em que houver uma grande elevação na intensidade de confrontos hegemônicos e antagônicos – de uma dada concepção do mundo que, por conseguinte, atrasará ou apressará a chegada de uma mudança social significativa (MÉSZÁROS, 2005, p. 50).

A educação, como já afirmamos, assume dentro do sistema do capital a função central de mediar a reprodução dos valores e ideias capitalistas. Esta mediação não acontece apenas no âmbito material, por meio da propagação de modos de consumir e do que se deve consumir – o que está na moda, o que todos estão usando. A própria educação foi cooptada pelo sistema do capital – como pontua Mészáros (2011) esta é uma estratégia do sistema do capital: absorver toda e qualquer tentativa de subversão de sua ordem

– os modos de produção nesta área cada vez mais atendem a uma lógica produtivista que aliena dos homens a relação ontológica com seu trabalho.

Exemplos deste sistema capitalista de produção na educação são a busca da profissão de professor como um trampolim para outra carreira, o próprio esvaziamento das licenciaturas e a individualização e competitividade que se instauram nas academias. Para se manter nas mais altas funções de sua carreira, o professor, doutor pesquisador, deve se submeter a índices de produtividade cada vez mais elevados, impostos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – como nos lembra Shiroma; Moraes; Evangelista (2011) em vigor desde antes dos anos 90 – recebendo, quando atinge a sua meta, os “direitos” de permanecer em programas de pós-graduação e de receber bolsas produtividade, mas, assim como o operário da fábrica, se sua meta não é batida, penalizações lhe são impostas.

Aqui, na academia, o canto da sereia funciona tal qual lá no chão da fábrica. A função deste som inebriante é o mesmo: velar as relações de poder a fim de permitir a irrestrita expansão de um sistema sociometabólico que aliena o homem de sua condição ontológica de viver, de ser, de se constituir.

Nesta direção, Maggie Brasil afirma que a “relação sistema de ensino e sistema produtivo permite que as estruturas autoritárias do segundo transbordem e se tornem padrão repetido pelo primeiro e, de forma circular, constitui-se em movimento ininterrupto de educação e dominação [...]” (BRASIL, 2005, p. 12). Ao proceder desta forma a lógica capitalista transfere responsabilidades sociais coletivas para os indivíduos e assim justifica a irracionalidade de todo o sistema como responsabilidade de determinado indivíduo.

Enquanto estratégia de manutenção das relações de poder a pedagogia do capital instaura nos diferentes níveis de educação formas que alienam o homem de seu trabalho. Hoje podemos ver os mecanismos impostos à academia e que a constituem, cada vez mais, em um espaço que preza pela perpetuação da ordem social capitalista. Esta internalização se dá por meio da fragmentação do trabalho que ali é realizado; índices cada vez mais altos instauram a competitividade e individualismo, prazos cada vez mais curtos impõem um novo ritmo e novos objetivos, pois discentes de mestrado e doutorado não podem mais ser abrangentes em suas pesquisas porque o prazo é curto. Há sempre a exceção que é utilizada como exemplo para contra argumentação, mais uma estratégia do capitalismo; transformar a exceção em regra. Individualizar o caso e colocá-lo como alvo a ser atingido.

Como afirmado por Maggie Brasil:

[...] por meio da mediação educativa, são inculcadas no trabalhador [não somente no trabalhador material, mas também no intelectual] determinadas estratégias e técnicas para consecução de finalidades somente úteis à expansão e à acumulação de capital. [...] o caráter pedagógico do capitalismo existe no incentivo à seleção de determinados conhecimentos e habilidades, processos a serem perfeitamente compatíveis e apreendidos pelos trabalhadores, para que reproduzam, continuamente, estratégias e técnicas que possibilitem a apropriação do produto e da natureza pelo capital [...] (BRASIL, 2005, p. 12-13, comentário nosso).

Ao assumir este caráter a educação em todos os seus níveis corrobora com a perpetuação das relações de poder do sistema do capital, reproduzindo seus valores e ideias, geração após geração. Se

pensarmos tal qual Saviani (1984) e Martins (2004), educação como atividade teleológica especificamente humana, podemos nos perguntar quem é o homem que estamos constituindo? Qual é a genericidade que constituímos durante a nossa formação? Este homem está afinado com discursos de formação omnilateral ou atende a uma demanda capitalista de mercado?

## 2. *Uma educação que vise uma ordem social qualitativamente diferente*

István Mészáros nos propõe uma interrogação interessante. Em suas palavras: “Será que a aprendizagem conduz à autorrealização dos indivíduos como ‘indivíduos socialmente ricos’ humanamente (nas palavras de Marx), ou está ela a serviço da perpetuação, consciente ou não, da ordem social alienante e definitivamente incontrolável do capital?” (MÉSZÁROS, 2005, p. 47). Quando iniciamos a escrita deste ensaio, buscávamos organizar uma série de ponderações que produzíamos durante nossa atuação enquanto professores de um curso de licenciatura e também enquanto alunos de um curso de pós-graduação. Estas inquietações ganharam forma e deixaram de ser apenas incômodos pensamentos durante o curso que realizamos no programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Goiás regional Jataí, intitulado Trabalho e Educação.

A partir do curso mencionado tivemos contato com uma perspectiva teórica que nos fornecia uma base sólida para a nossa argumentação na direção das experiências vivenciadas. Esta argumentação nos possibilitava dar uma resposta, não definitiva, à interrogação anterior. Mas, o mais importante é que a partir de então constituímos ferramentas para trabalhar em prol da mudança desta resposta.

O quadro da educação que descrevemos até o momento é coerente com o sistema do capital e sua expansão irrestrita. Coerente porque visa uma fragmentação do trabalho que gera uma alienação do homem em relação as condições materiais – e intelectuais, pois enquanto trabalho espiritual (*geistigen arbeit*), conforme Saviani (1984), a educação é uma das responsáveis pela constituição do homem histórico e social que supera sua relação animal com a natureza – de sua existência.

A educação tem sido foco de pesquisadores materialistas – marxistas e marxianos – e esta internalização pela lógica do capital tem sido evidenciada. Dentre estes pesquisadores István Mészáros propõe uma alternativa para que a educação possa ir além de sua atual relação com o capital. Esta proposta caracteriza a educação de um modo que não é distante da leitura que realizamos.

Ao pensar na relação educação capital, Mészáros (2005, p. 45) expõe que “uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou ‘consenso’ quanto for capaz”. Neste sentido, a superação do quadro atual não é tarefa unicamente da educação, apesar da alardeada propaganda. A educação não pode por si só se ver livre das relações capitalistas. Uma nova ordem sociometabólica é necessária. A superação da reprodução alienante que ocorre na educação será possível quando o sistema do capital for superado.

Em primeiro lugar é necessário ir contra o ideário capitalista de fragmentação da realidade. É preciso entender que as

determinações gerais do capital afetam profundamente *cada âmbito particular* com alguma influência na educação, e de forma nenhuma apenas as instituições educacionais formais. Estas estão estritamente integradas na totalidade dos processos sociais. Não podem funcionar adequadamente exceto se estiverem em sintonia com as *determinações educacionais gerais da sociedade* como um todo (MÉSZÁROS, 2005, p. 43, grifo do original).

Neste sentido, uma revolução na educação é inconcebível sem uma mudança de toda a ordem sociometabólica do sistema capitalista. Nesta outra ordem, as práticas educacionais da sociedade devem cumprir o importante papel histórico que lhes foi atribuído na contribuição para as mudanças. A educação nos espaços formais – das creches as universidades – se unirão aos espaços não formais de educação na superação das relações hierarquizadas do capital.

É por isso que hoje o sentido da mudança educacional radical não pode ser senão o rasgar da camisa de força da lógica incorrigível do sistema: perseguir de modo planejado e consistente uma estratégia de rompimento do controle exercido pelo capital, com todos os meios disponíveis, bem como com todos os meios ainda a ser inventados, e que tenham o mesmo espírito (MÉSZÁROS, 2005, p. 35).

Este rasgar que Mézáros propõe não pode estar coadunado com reformas do sistema ou mudanças passo a passo. Ele deve ser radical. A permanência da menor parte que seja das mediações do capital na estrutura de uma nova ordem levará inevitavelmente à continuidade das relações de poder existente. Por esse motivo, nenhuma reforma educacional que seja proposta de dentro do sistema poderá efetivamente superar estas relações de poder, por mais que o discurso midiático diga o contrário.

Esta nova ordem de reprodução da sociedade não pode também ser a negação do capital pois assim ela estaria inseparavelmente ligada à leve. Por isso essa revolução deve estar firmemente fundada em bases materiais historicamente produzidas que permitam o seu sucesso independente do capital. Nenhum Estado ideal construído sobre a urgência do tempo poderá superar estas relações de poder, no entanto é necessário começar já a constituir as possibilidades históricas para essa superação.

No âmbito educacional “as soluções ‘não podem ser *formais*; elas devem ser *essenciais*’. Em outras palavras, eles devem abarcar a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida.” (MÉSZÁROS, 2005, p. 45). Caso contrário, mesmo que sacramentadas como leis, as soluções poderão ser cooptadas pela lógica do capital.

Assim como Comstock, personagem de George Orwell que apresentamos na epígrafe, devemos perceber que não é possível sair do sistema, não é possível enquanto indivíduos agirmos fora de todas as relações de poder, é exatamente o contrário, pensar que esta é uma luta individual é mais uma forma de alienação do sistema do capital. É necessário, então, termos consciência de nossa construção histórica e social, somente quando formos capazes de superar todas as relações de poder do sistema capitalista e do capital, enquanto humanidade, é que seremos capazes de produzir uma nova ordem social. Nas palavras de Mézáros

O que precisa ser confrontado e alterado fundamentalmente é *todo* o sistema de *internalização*, com todas as suas dimensões, visíveis e ocultas. Romper com a lógica do capital na área da educação equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa *concreta* abrangente (MÉSZÁROS, 2005, p. 47, grifos do original).

Esta alternativa deve estar baseada e objetivar a constituição de um homem livre, no sentido de capacidade material de constituir-se, este homem deve entender-se enquanto parte de um contexto social que é reproduzido nele e também por ele. Ou seja, uma ordem sociometabólica que seja conscientemente produzida e regulada pelos homens, baseada em autocontrole, autorrealização e igualdade (MÉSZÁROS, 2005). Neste cenário, a educação será constantemente definida em uma relação dialética com a nova ordem social, ambas se sustentando em seus processos de constituição.

### *3. Considerações finais*

Ao destacar o caráter reprodutor da educação buscamos colocar em evidência que dentro do sistema do capital este espaço, antes de luta e resistência, tem se configurado cada vez mais como uma forma de mediação das relações de poder do próprio capital. Trazer isso à luz é importante para que possamos discutir coletivamente possíveis alternativas a este sistema.

Para nós a superação do quadro atual só será possível em meio a relações mais socialistas, nas quais o trabalho não se oponha aos indivíduos como uma força estranha e que as decisões sejam compartilhadas. Como propõe Mézáros (2015), a superação do capital só será possível a partir de bases materiais historicamente produzidas e de uma apropriação racionalmente planejada do trabalho excedente, que deve ser produzido por todos e cada um dos indivíduos da sociedade, tendo por base uma igualdade substantiva e uma plena solidariedade.

Ao pensar em relações mais socialistas estamos nos unindo a Mézáros (2015) e argumentando em relação à necessidade de uma restituição dos poderes do corpo social. A superação do sistema do capital e suas relações de poder só será possíveis mediante a superação da ordem social que requer estas condições, qual seja, relações regidas pelo capital. A educação, enquanto meio reprodutor da ordem sociometabólica, cumprirá um papel de emancipadora somente se o pilares que sustentam o sistema – capital, Estado e trabalho, conforme Mézáros (2015) – forem superados.

### *Referências*

- BRASIL, Maggie Nunes. A pedagogia contida na forma de produzir capitalista. In: MASCARENHAS, Angela Cristina Belém (Org.). **Educação e trabalho na sociedade capitalista: reprodução e contraposição**. Goiânia: Editora UCG, 2005, p. 9-48.
- MARTINS, Lígia Márcia. Da formação humana em Marx à crítica da pedagogia das competências. In: DUARTE, Newton (Org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. São Paulo: Autores Associados, 2004. p. 53-74
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Trad. Paulo César Castanheira, Sérgio Lessa. 1. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado**. Trad. Maria Izabel Lagoa. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

---

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Em Aberto**, ano 3, n. 22, jul/ago, 1984. p. 1-7. Disponível em <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1515>> acesso em 30 jun. 2017

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda. **Política educacional**. 4. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

---

**Notas:**

<sup>1</sup> Doutorando em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista campus de Rio Claro, com mestrado também em Educação Matemática pela mesma instituição. Tem experiência profissional na docência em Educação Básica e Ensino Superior. Atuou como professor substituto na Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí. No campo investigativo, seu interesse se concentra na formação inicial de professores. Faz parte dos grupos de pesquisa FEM /UNESP/ RC e NuFOPE/ UFG/ Jataí. Email: [paulojpa@outlook.com](mailto:paulojpa@outlook.com)

Recebido em: 19/02/2018

Aprovado em: 26/03/2018